



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**NEWTON PEDRO CORREIA
(depoimento)**

2011

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-222

Entrevistado: Newton Pedro Correia

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: G.E 3 Estrelas, Gravataí

Entrevistadores: Carine Fraga Feijó

Data da entrevista: 17/07/2011

Transcrição: Carine Fraga Feijó

Conferência Fidelidade: Letícia Baldasso Moraes

Copidesque: Letícia Baldasso Moraes

Pesquisa: Letícia Baldasso Moraes

Total de gravação: 14:24 min.

Páginas Digitadas: 5

Registro: Ivone Job

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

CORREIA, Newton Pedro. *Newton Pedro Correia (depoimento, 2011)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

SUMÁRIO

Newton relata seu ingresso na profissão de treinador; seu início como treinador do Black Show, sua relação com as jogadoras; dificuldades encontradas no mundo do futebol feminino; como se sente treinando um time de futebol feminino e fala um pouco sobre algumas jogadoras em específico.

Porto Alegre, 17 de Julho de 2011. Entrevista com Newton Pedro Correia, a cargo da pesquisadora Carine Fraga Feijó, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.F. - Eu preciso saber primeiro a tua história como treinador, como é que começou?

N.C.- Treinador?

C.F.- Sim. Ou no futebol também.

N.C. - O homem? No caso, sempre corre atrás de uma bola. Aí eu fui evoluindo, mas primeiro joguei num time de futebol do salão e fui evoluindo com a idade e o grupo de amigos que também vai aumentando. Tive uma passagem como árbitro, três cursos de arbitragem, futsal, futebol de areia e/ou beach soccer, que tem diferença uma modalidade da outra. Hoje sou só treinador, desde 2005. Fiz um curso na AGTREPGRGS, Associação Gaúcha dos Treinadores profissionais do Rio Grande do Sul. Para nós termos um embasamento legal... Até uma grande preocupação que eu tinha porque eu não tenho CREF e desde 1970, 1972, sempre treinei alguma coisa, sempre tive alguma coisa com treinamento porque sou apaixonado pelo esporte, pelo esporte sadio. Não vou citar esportes que eu não gosto aqui, mas eu não vejo o prazer e outras coisas misturadas, outras químicas vamos dizer assim, misturadas. Então optei por isso. Também fui treinador de bicicross, viajei por quatro países: EUA, Chile, Argentina e Bolívia. Então é uma história muito grande em termos de esportividade. O pessoal me conhece. E como treinador eu estava treinando o NASA que é uma associação que tem em Sapucaia. O nome escolhido foi NASA porque a sigla diz “Nós Amigos, sempre Amigos”. E depois um grupo de meninas procurou a Secretaria de Esportes da cidade para que fosse formada uma equipe de futebol feminino. O principal eles tinham, que era as meninas, e aí me escolheram: “esse é o cara”. E aí faz quatro anos que estou treinando elas. Eu tenho apoio do clube o GE Sapucaense¹. E este ano o Sapucaense não entrou porque eu senti uma insegurança administrativa. Não do clube, mas sim na parte política e a parte política é muito difícil de você entender ela, então optei por não entrar com o

¹ Grêmio Esportivo Sapucaense. Fundado no dia 28 de Julho de 1942 na cidade de Sapucaia do Sul.

Sapucaense. Aí surgiu a oportunidade do Rey Sol², oportunidade com o Morungava. Mas eu já tinha firmado compromisso então com o Black Show com o Athayde. E eu dizia pra ele: “olha nós precisamos trabalhar pra ti me conhecer. Porque se tu quiseres levar o futebol sério, eu faço o futebol sério contigo. Se tu não quiseres eu estou fora.” Aí vem uma... vem raízes, da minha família, de criação, da seriedade no trabalho. Então se eu disser pra ti que eu faço, eu faço. E muitas vezes eu faço tendo prejuízos, mas eu faço.

C.F. - Então a história no Black Show foi a partir do momento que o Sapucaense não entrou?

N.C. - Sim, primeiro tinha o Rey Sol, aí o Rey Sol esse ano não pode participar e foi uma coincidência. Durante a semana o Rey sol me convidou e dois dias depois o Black Show me convidou. Aí eu disse, “*Oh*, estou no Rey sol”. Posteriormente surgiu a dúvida do Rey Sol participar aí voltei a alimentar o Black Show. Aí o Athayde disse “Beleza, se não der lá tu vem pra mim”. E aí foi o que aconteceu, eu não, o Aureo não pode participar do campeonato com o Rey Sol então eu me apresentei para o Black Show. E aí a gente enfrenta todas essas dificuldade que o futebol feminino tem, que o futebol masculino tem, só que o futebol masculino tem uma outra visão ainda... Eu não diria nem que seria machismo. Eu acho que é uma questão de tempo, só que as meninas não podem deixar esse tempo morrer, e é o que está acontecendo, elas estão querendo a cada dia buscar seu espaço físico. Nós vimos aí a decepção da seleção brasileira querendo descarregar tudo em cima de uma, duas atletas. Que é impossível, humanamente impossível, substituir uma equipe toda. Eu acho que as reformulações do futebol feminino têm que ocorrer, mas tem que ocorrer com muita seriedade, não com o que está acontecendo. Eu estou dizendo até em nível de seleção brasileira. Eu acho que tem muita menina, muitas atleta que precisam ser melhores observadas.

C.F. - E a história no Black Show começou este ano?

N.C. - Comigo sim, mas o Black Show tem mais de vinte anos, de história, segundo o Athayde³.

² Clube Esportivo Rey Sol

³ Nilton Santos de Athayde. Fundador do Black Show.

C.F. - E como tu se sente como treinador de mulheres, meninas?

N.C. – É sempre um desafio. Você tem “N” desafios, primeiro deles é o respeito. Você é o homem, acima de tudo você é e sempre será um homem, desde o momento que nasce e elas sempre são o sexo oposto. E eu diria que os maus homens vêem a coisa diferente. Talvez até por isso que, de repente, o futebol feminino não tem uma evolução, por ser o sexo oposto, não o sexo frágil, mas o sexo oposto. Então eu me sinto gratificante, eu respeito minha esposa, minha família meus netos, minha neta, meu neto, tenho total apoio. Mas ela não vem, porque ela sabe que tem o aperto de mão, o abraço o beijo, o beijo que é carinhoso, que é o beijo sincero, mas você dentro de tudo isso você se transforma no treinador, amigo, pai, conselheiro e você fica sabendo muito da vida de cada uma delas. Porque elas mesmas acabam te passando te contando.

C.F. - Tem alguma diferença de trabalhar com mulher?

N.C. - Com feminino e masculino?

C.F. - Sim

N.C. - Muita, o linguajar. Muito “p” não pode ser dito, muito “f” não pode ser dito, não deve ser dito. É arriscado. Muito “c” não pode ser dito. Porque aí já não é mais elas dentro do campo, é o pai, a avó, o tio, o parente, o amigo que está na cerca, que está na arquibancada, que está acompanhando, entendes? Então eu acho que tem que partir desse sentido.

C.F. - Fala um pouquinho das tuas jogadoras, das tuas atletas, pode falar qualquer coisa sobre qualquer uma.

N.C. - Bom, eu tenho assim, [atletas rindo] essa menina tem sérias dificuldades, dificuldades familiares.

C.F. - Fala o nome dela.

N.C. - A Suellem, por exemplo, é uma menina que tem grande potencial, vem crescendo a cada dia, vai evoluir muito. Mosquito. Mosquito fez teste no Santos, entrou 8h, 9h da manhã, saiu na penúltima fase, *na penúltima fase*, muitos sonhos das mil e trezentas candidatas que apareceram lá. Eu vi. Eram 2 campos, vi 2 sonhos, muitos

sonhos serem eliminados. Hoje uma atleta que jogou contra mim, que é a Paloma, que faz parte do meu currículo, quase 4 anos comigo, mas por uma falta de contato ela assinou com o Estrela mas é uma menina de grande potencial que também fez teste no Santos e essa sim foi até o fim. Por isso eu digo que precisa ter renovações na seleção brasileira. Porque o que eu vi foi muita injustiça. Assim como... Eu falo das atuais ou das outras também no geral?

C.F. - Pode falar das atuais e de outras também que tu tenhas trabalhado.

N.C. - Então falando das atuais... Tem a Nalvinha que eu conheci, 46 anos, tem muita qualidade ainda pra mostrar e pra ensinar. Temos a Betina que conheci semana passada, tem muita qualidade. A Andressa também, morena, uma negrona como a gente diz carinhosamente, tem um potencial gigantesco tem as características da Suellem, de drible e de toque da Suellem. A Mosquito, eu falei da Mosquito já? Ela de tantas subidas e descidas hoje quer parar. Uma briga trazer a Mosquito hoje em dia, e eu sei que ela não vai parar, não vou deixar ela parar.

C.F. - Qual a idade dela?

N.C. - 18 anos, fez agora dia 9 de Julho. Falando agora das antigas... A Schuk, a Jeniffer Alves Peixoto, outra menina com problema sério de família. Mas foi, teve duas oportunidades na seleção brasileira, foi por 2 vezes na Granja Comary. A Juliana Half, Juliana Stumpff que também teve oportunidade na seleção brasileira. O problema que as meninas têm condições, têm técnica, mas o que ocorre... Paloma jogou aqui e em todos os lugares que eu vejo ela jogar, ela joga na posição errada. Juliana foi para seleção indicada para uma posição e lá os treinadores dizem: “vocês falem pra nos o que querem fazer, falem pra nós sabermos.” E elas não falam. Juliana não foi bem na seleção porque estava na posição errada. Então assim, o que eu acabei de dizer no intervalo: “digam pra mim onde eu estou errando. Vocês têm a liberdade, digam pra mim qual a dificuldade de vocês.” demos uma acertada e no fim quase se complicou porque o time local hoje veio com uma outra característica, entende. Eles tinham a necessidade de vencer porque estavam em casa. Admiro muito o futebol da goleira adversária, fantástica. Eu vejo, eu olho o todo e eu disse: “ainda vou trazer ela pro meu time, não pela idade, mas pela qualidade que ela tem.” Se você tem qualidade a idade desaparece. Então assim, tem muitas meninas, *muitas meninas* boas de bola. Então a Schuck voltou de novo pra SP,

Paloma está jogando em Santa Catarina, Lidiane também está em Santa Catarina. Estas duas últimas estão recebendo, em torno de um salário mínimo pra jogar, despesas, colégio, tudo. A Schuk em SP tem uma faculdade à disposição, entende, não ganha nada, mas tem uma faculdade a disposição, então ela ganha muito. As duas em Santa Catarina também têm a disposição uma faculdade. Então o que é mais gratificante é isso, é você pegar uma menina, ensinar alguma coisa que você sabe, pena que a gente não sabe tudo, agente está sempre aprendendo e fazer com que elas evoluam no seu dia a dia. Tanto profissional, tanto na parte educativa. Porque o tempo passado diz, os bons jogadores estão morrendo pobre porque não olharam pro futuro.

C.F. - Quais são as maiores dificuldades como treinador em uma equipe feminina?

N.C. - É você ter 15 meninas qualificadas e você colocar só 11. Colocar só 11 e ouvir as criticas de fora. E você tem que manter a calma, tem que pensar, tem que ouvir todos, porque a pouco falei, a gente não sabe tudo e está sempre aprendendo e às vezes quem está de fora vê melhor. Ai você ouve e analisa, veja também se não é parente, pai, porque pra todo pai, para toda mãe, para todo tio, pra todo avô, o atleta ou a atleta sempre arrebenta, é o camisa 10 da seleção. E quando você larga uma bola no pé vê que não é bem isso.

[FINAL DO DEPOIMENTO]